



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JUNHO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT

Título original: Die bitteren Tränen der Petra von Kant

Realização: Rainer Werner Fassbinder (RFA, 1972)

1. HOMOSSEXUALIDADE NO CINEMA



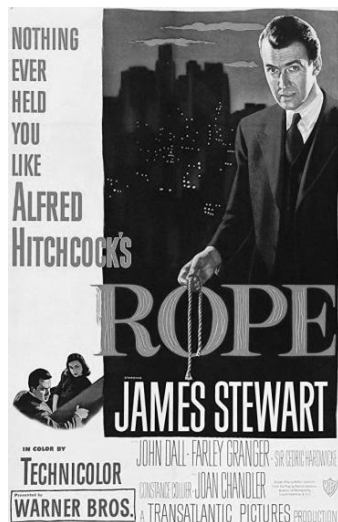
Há umas décadas atrás, era assunto tabu. Hoje não será visto como normalidade ainda por muitos, mas a evolução foi efetiva. Quando, há uns tempos, quase toda a gente procurava ocultar a tendência, hoje a grande maioria ostenta-a com alguma serenidade. Ser homossexual não é já nem um pecado nem uma doença, e um livro como “No Armário do Vaticano”, do jornalista Frédéric Martel, assegura que cerca de 80% dos habitantes do Vaticano são gays, “pertencem à paróquia” como por lá se diz.

No campo do cinema, e em geral dos espetáculos, a homossexualidade sempre esteve muito presente. Consultando a internet, onde se multiplicam os sites sobre este tema, são milhares os nomes que surgem associados, uns de forma assumida, outros de uma maneira mais encoberta. Entre realizadores, e falando só de alguns de grande renome mundial, podem citar-se Marc Allégret, Pedro Almodóvar, Gianni Amelio, Alejandro Amenábar, Lindsay Anderson, Kenneth Anger, Anthony Asquith, Paul Bartel, Julian Beck, James Bridges, Lino Brocka, Marcel Carné, Patrice Chéreau, Jean Cocteau, Cyril Collard, Noël Coward, George Cukor, Stephen Daldry, Terence Davies, Roland Emmerich, Rainer Werner Fassbinder, Tom Ford, Stephen Fry, Jean Genet, Peter Glenville, Edmund Goulding, Robert Hamer, Todd Haynes, Todd Holland, Waris Hussein, Eloy de la Iglesia, Derek Jacobi, Derek Jarman, Claude Jutra, Keisuke Kinoshita, Arthur Lubin, Rob Marshall, Norman McLaren, Ismail Merchant, Vincente Minnelli, Yukio Mishima, John Cameron Mitchell, Frédéric Mitterrand, Russell Mulcahy, FW Murnau, François Ozon, Sergei Parajanov, Pier Paolo Pasolini, Tony Richardson, Jerome Robbins, João Pedro Rodrigues, John Schlesinger, Werner Schroeter, Joel Schumacher, Bryan Singer, Kevin Spacey, Mauritz Stiller, Gus Van Sant, Luchino Visconti, Irmãos Wachowskis, Andy Warhol, John Waters ou Franco Zeffirelli.

Consegue ler mais uma lista destas, agora quanto a atores, e falando só de nomes muito conhecidos? (se pretender listas mais exaustivas, como já disse, a internet é um campo inesgotável). Pois aí vai: Harry Andrews, Kenneth Anger, Tallulah Bankhead, Paul Bartel, Dirk Bogarde, Marlon Brando (bi), Victor Buono, Raymond Burr, Truman Capote, Graham Chapman, James Coco, Noël Coward, James Dean, Rupert Everett, Jodie Foster, John Gielgud, Farley Granger, Joel Gray, Gary Grant, Edward Everett Horton, Rock Hudson, Tom Hulce, Ross Hunter, Tab Hunter, Derek Jacobi, Elton John, Van Johnson,

Danny de Jong, Danny Kaye, Charles Laughton, Liberace, Ricky Martin, Ian McKellen, John Cameron Mitchell, Ramon Novarro, Ivor Novello, Laurence Olivier, Eric Portman, Anthony Perkins, César Romero, Randolph Scott, Kevin Spacey ou Clifton Webb.

Filmes abordando a homossexualidade, sob diversos prismas, são inúmeros. Uns mais discretos e elípticos na forma de tratar o tema, como "A Corda", de Alfred Hitchcock, outros muito mais diretos, como "Um Homem Singular", de Tom Ford. "A Corda" é de 1948 e o filme de Tom Ford é 2009. Faz toda a diferença.



Mas os exemplos são às centenas, com origens as mais diversas, aqui ficando apenas alguns títulos, citados à medida que me fui lembrando, entre os que se tornaram mais célebres: "La Vie d'Adèle", 1 e 2, "Bound", "Carol", "Chloe", "The Favorite", "Mädchen in Uniform", "Mulholland Drive", "Rapsódia Boémia", "The Boys in the Band", "Brokeback Mountain", "La Cage aux Folles", "Happy Together", "A Lei do Desejo", "Maurice", "A Minha Bela Lavandaria", "O Banquete do Casamento", "As Aventuras de Priscilla, Rainha do Deserto", "The Crying Game", "Madame Satã", "Filadélfia", "Ninfomaníaca", "Vicky Cristina Barcelona", "Ma vie en rose", "Tangerina", "A Rapariga Dinamarquesa", "Mona Lisa", "Monster", "Showgirls", "Deuses e Monstros", "O Beijo da Mulher Aranha", "My Own Private Idaho", "The Night Porter", "Velvet Goldmine", "Cabaret", "Les Nuits Fauves", "The Rocky Horror Picture Show", "Tudo sobre minha mãe", "Dallas Buyers Club", "Querelle", "Meia-noite no Jardim do Bem e do Mal", "Before Night Falls", "Capote", "Caravaggio", "Milk" ou "Wilde". Não referindo "As Lágrimas Amargas de Petra von Kant", filme que nos traz aqui a este tema.

2. AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT



Começa por ser uma peça teatral do próprio Rainer Werner Fassbinder, escrita e levada a cena em 1971, com o título "Die bitteren Tränen der Petra von Kant". No ano seguinte, o dramaturgo e cineasta adapta a sua obra teatral a cinema, com evidente sucesso. Tudo se passa num único compartimento, o apartamento estúdio de uma estilista, a desenhadora de moda Petra von Kant (Margit Carstensen), que recentemente se separou do seu marido e deixou vir ao de cima as suas inclinações lésbicas. Tem junto

de si Marlene (Irm Hermann), uma espécie de secretária, colaboradora, criada para todo o serviço, nele incluindo, parece evidente, um certo conforto sexual. Marlene funcionará ao longo de toda a obra como observadora muda do que a rodeia, os seus olhos comentando as ações que presencia, sem nunca intervir diretamente. Petra trata-a como se ela não existisse, a não ser quando necessita da sua colaboração, e mesmo nestas alturas não se exime a maltratá-la. Um dia, recebe a velha amiga Sidonie (Katrin Schaake) que lhe fala de Karin (Hanna Schygulla), uma jovem de origens humildes, mas cuja beleza exalta. Petra convida-a para um encontro, do qual resulta uma paixão exacerbada que leva a estilista a apostar em Karin como modelo auspicioso e não menos promissora amante.

Curiosamente, as marcações referem uma situação simétrica que se estabelece entre Petra e Karin. Quando recebe a nova amiga, Karin encontra-se deitada numa situação de mandante que usufrui da sua condição de senhora que domina as situações a seu belo prazer. Mais tarde, quando Karin lhe confessa que passou a noite anterior com um bem-dotado negro, e que vai voltar para o seu marido que, entretanto, regressou à Alemanha, quem se encontra na cama, numa situação de domínio da situação, lendo despreocupadamente uma revista, é Karin, e quem se mostra angustiada e depressiva é Petra. As poses e as situações inverteram-se, mostrando como as relações sexuais podem interferir nas relações de poder. De início, é Petra que pode comprar o prazer junto de Karin, oferecendo-lhe um futuro risonho, a troco de favores sexuais. Depois é Karin que, sabendo do seu valor sexual, e sabendo igualmente a dependência que criara em Petra, a vexe deliberadamente. Esta interdependência entre sexo e poder é o tema dominante desta bela obra de Rainer Werner Fassbinder, mostrando de forma límpida como quem detém poder dele se serve para chegar a dominar quem está na sua dependência para atingir os seus objetivos no campo do sexo, e, em simultâneo, quem quer subir na vida se serve dos seus dotes encantatórios do sexo para alcançar os seus desígnios, aceitando de início oferecer os serviços a quem detém o poder, para depois impor ao outro a dependência dos seus próprios serviços. Fassbinder mostra que tanto quem se serve do poder, como quem se utiliza do corpo e do sexo para atingir fins injustificáveis merece a reprovação ética, e não só, da sociedade.

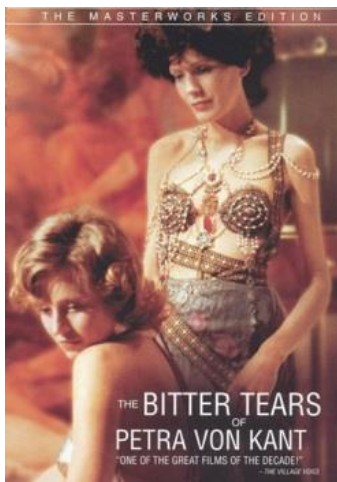
Curiosamente, esta obra toca num outro ponto muito sensível nas relações emocionais entre as pessoas. Quando, perto do final, Petra Von Kant parece assumir o erro do seu procedimento anterior, e chama Marlene, prometendo-lhe a partir daí uma outra forma de comportamento, a verdade é que a discreta empregada, que tudo suportara até aí, resolve fazer a mala e abandonar Petra, numa decisão que tem muito de ambíguo. Marlene resolve finalmente revoltar-se contra a escravidão a que estava sujeita? Ou, pelo contrário, Marlene não suporta saber que, a partir daí, não mais será subjugada por Petra? Revolta ou submissão?



O filme de Fassbinder é estruturalmente teatral, e simultaneamente muito cinematográfico. Há aspetos, como o cenário único, as marcações rígidas, a importância dada ao diálogo, que são objetivamente teatrais. Mas a mobilidade da câmara, a multiplicidade de pontos de vista, os movimentos encadeantes

da máquina de filmar em redor das personagens, tudo isso são fatores profundamente cinematográficos, como alguns enquadramentos, significativamente simbólicos, servindo-se de alguns elementos da cenografia, como as estruturas metálicas da cama, as traves, as escadas, que ajudam a uma muito eficiente utilização da profundidade de campo.

Excelente exercício de "Kammerspielfilm" (que foi sobretudo, em oposição ao expressionismo dos anos 20 do século XX, um tipo de filme intimista, retratando aspetos da vida da classe média alemã), que prolonga a experiência do "Kammerspiele" (o equivalente em teatro), "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant" assume-se como melodrama, um género tão do agrado de Fassbinder (1945-1982), refletindo igualmente aspectos autobiográficos do cineasta, homossexual assumido, que se confessou várias vezes explorado por amantes, segundo alguns dos biógrafos do autor germânico que assinou um conjunto de títulos importantes, no interior do Novo Cinema Alemão. Filmes como "O Soldado Americano" (1970), "Cuidado com Essa Puta Sagrada" (1971), "As Lágrimas Amargas de Petra von Kant", "O Mercador das Quatro Estações" (1972), "O Medo Come a Alma" (1973), "Amor e Preconceito" (1974), "O Casamento de Maria Braun", "Alemanha no Outono", "O Direito do Mais Forte à Liberdade" (1978), "A Terceira Geração" (1979), "Berlin Alexanderplatz" (mini série de TV, 1980), "Lola", "Lili Marleen" (1981), "A Saudade de Veronika Voss" ou "Querelle - Um Pacto com o diabo" (1982), este último, derradeiro trabalho do cineasta, demonstram bem a importância deste autor, desaparecido prematuramente, apenas com 37 anos.



AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT

Título original: Die bitteren Tränen der Petra von Kant

Realização: Rainer Werner Fassbinder (RFA, 1972); **Argumento:** Rainer Werner Fassbinder, segundo peça teatral de sua autoria; **Produção:** Rainer Werner Fassbinder, Michael Fengler; **Fotografia (cor):** Michael Ballhaus; **Montagem:** Thea Eymèsz; **Design de produção:** Kurt Raab; **Guarda-roupa:** Maja Lemcke; **Maquilhagem:** Peter Müller, Margarethe Ullmann; **Direcção de Produção:** Margot Hirschmüller, Karl Scheydt; **Assistentes de realização:** Harry Baer, Kurt Raab; **Som:** Gunther Kortwich, Harry Rausch; **Companhias de produção:** Filmverlag der Autoren, Tango Film; **Intérpretes:** Margit Carstensen (Petra von Kant), Hanna Schygulla (Karin Thimm), Katrin Schaake (Sidonie von Grasenabb), Eva Mattes (Gabriele von Kant), Gisela Fackeldey (Valerie von Kant), Irm Hermann (Marlene). **Duração:** 124 minutos; **Distribuição internacional:** Avalon (Espanha); **Classificação etária:** M/ 16 anos; **Data de estreia em Portugal:** 29 de outubro de 1981.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 4 DE JULHO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS

Título original: Ai no korîda

Realização: Nagisa Ôshima (Japão, 1976) | **Duração:** 109 minutos | **M/18**